

DOCUMENTÁRIO

MEMÓRIA HISTÓRICA DE SÃO SEBASTIÃO (VIII).

(Conclusão).

USOS E COSTUMES PRAIANOS.

Muita gente, pelo simples fato de haver realizado algumas viagens rápidas ou visitado este ou aquêle ponto da zona da marinha, considera-se habilitada a escrever sobre os habitantes do litoral paulista, do que geralmente resulta não serem bastante fiéis em suas informações, que, por isso mesmo, nem sempre representam a expressão da verdade, principalmente quando apontam o praiano como sendo tipo mais perfeito e acabado do homem vadio, incapaz para o trabalho, malandro e astucioso, sem coragem para a luta, vegetando, e, como os nossos aborígenes, vivendo mais da caça e da pesca, avêssos à civilização e ao progresso, sem ideais e sem ambições.

E' verdade que esta última parte parece predominar em seu espírito, mas mesmo isso nada mais é do que uma simples questão mesológica, como perfeitamente se demonstra pelas condições em que vivem todos aquêles que, fugindo ao meio, são forçados a uma vida ativa e cheia de imprevistos.

Numa coisa muito se afasta o praiano dos seus irmãos do planalto: é ao acendrado e imperecível amor ao pequenino torrão natal, onde passou os dias mais felizes de sua vida, ouvindo a voz rouquenha do oceano ou o bramir colérico dos vagalhões que se despejam em lençóis de espuma pelas praias branquejantes.

Se estudarmos a genealogia das famílias que ainda hoje habitam as históricas cidades do litoral paulista, veremos que em sua generalidade descendem de um tronco comum, ramos diretos daqueles primeiros povoadores, alguns dos quais se retiraram para Serra Acima.

Assim, enquanto em São Sebastião se encontram representantes das famílias Ortiz, Boccarro, Marzagão, Silva Leite, Paes Abreu, Adorno, etc. em Vila Bela aparecem os Gaías, Freitas, Regos, Garcias; em Iguape, os Chaves, Pontes Vidal, Marinho, Veras e Nunes; em Cananéia os Oliveiras, Gomes, Barroso, Guimarães e outros.

São descendentes diretos dos fundadores dessas localidades, que ainda ali permanecem, conservando zelosamente as tradições de família, história, usos e costumes dos seus ancestrais.

A terra que usufruem, veio-lhes da primeira posse por cartas de sesmarias ou posse mansa e pacífica de mais de cem ou de duzentos anos, passando de pais a filhos numa sucessão ininterrupta.

Este ou aquêlê acidente geográfico ainda hoje encerra um facto, uma história de família, despertando na memória dos presentes a existência dos seus mortos queridos, cujo espírito deve pairar por aquelas paragens.

Daí o apêgo às propriedades que receberam por herança, e que parecem fazer parte do seu *eu*, transformadas em pedaços de sua alma, e das quais dificilmente se separam, conservando-as religiosamente.

Êsse amor à pequenina gleba que lhe coube, generalizou-se de tal maneira que a idéia de “pátria” para o praiano surgiu do torrão natal, que defende com tôdas as suas fôrças.

Calmamente, tranqüilo, indiferente a tudo, é de ver-se o seu ardor patriótico e entusiástico regionalismo, quando se refere a terra em que nasceu.

Para êle a pátria quase, quase que se resume no pequenino berço.

Ama-o fortemente e por êle será capaz de todos os sacrifícios.

A história está cheia de exemplos.

E’ de nossos dias a transferência de uma longa faixa do território paulista para o Estado do Paraná.

E enquanto na parte situada na região do Planalto os habitantes se conformavam com o laudo presidencial, conservando-se no mesmo lugar, na beira-mar, os que ali viviam, transpunham o rio que assinalava a linha divisória, e abandonando suas casas, transferiram-se para o outro lado do canal, porque — “paulistas de nascimento, paulistas queriam morrer”.

Outra não foi a origem de Arirí no extremo sul do litoral.

E’ preciso assinalar-se que entre os paulistas e paranenses residentes naquela região sempre houve a melhor camaradagem, reinando, em todos os tempos, as mais estreitas relações de amizade, pois que todos êles provêm do mesmo tronco e tanto assim que da expansão dos primeiros se originaram as povoações paranaenses.

Êsse acendrado amor à terra constituirá, talvez, motivo da decadência local, porque o praiano raramente transfere a propriedade a outrém, deixando-a geralmente aos seus sucessores, muito embora sem cultivá-la.

E porque seja o mar a melhor escola para a formação do caráter do indivíduo, orgulham-se do cumprimento da palavra empenhada e dos atos meritórios praticados sem fito algum de recompensa, muitas vêzes arriscando a própria vida.

Quantos atos de abnegação por êles praticados não têm passado despercebidos fora do círculo de suas relações?!...

Entretanto, a má fé de algum dos nossos mais notáveis escritores têm apresentado o homem do litoral como um ser inútil e desprezível, vadio incorrigível, que alheio à própria existência, não canta, não ri e não dança!...

Pura fantasia, não resta a menor dúvida, como passaremos a demonstrar.

Se de alguma coisa devemos acusá-lo, será talvez de sua tristeza doentia. Mas êsse mal não é privilégio seu, como afirmou um dos nossos mais brilhantes escritores, que o brasileiro em geral é triste por sua natureza.

Quem asseverou que o praiano não canta, naturalmente desconhece-o, pois a cantiga mora em seus lábios, quer nos trabalhos da terra, quer nas suas viagens, para suavizar o esforço empregado e esquecer as distâncias. Pescador ou não, jamais viaja pelas enseadas ou atravessa as baías e os lagamares sem quebrar a solidão com um canto dolente, “para espantar” a nostalgia que lhe vem do mar.

Não se compreende roçada ou derrubada, plantação ou colheita, sem a competente “brincadeira”, que se prolonga até o nascer do sol, e onde os desafios se sucedem.

Podemos mesmo dizer que o que se devia condenar era o excesso de folguedos — bailes e fandangos — entre os pequenos lavradores que em tudo encontram motivo para tais pasatempos, como acontece nos dias dos nossos santos populares, pelo carnaval, Ano Bom, Natal e em muitas outras ocasiões, empregando o melhor de sua existência em distrações diferentes, como geralmente acontece na ocasião da passagem das folias pelos bairros em que moram, quando, abandonando o trabalho útil, passam dias inteiros acompanhando-as em sua romaria...

Gente que não ri!... Não é o que se observa entre êles, que por índole são narradores de anedotas, homens de reconhecido bom humor e amigos da paz, como demonstram as estatísticas criminais mais rigorosas.

Não há roda de pescadores onde as gargalhadas não façam parte das palestras.

E' possível mesmo que não haja região do Estado onde se realizem mais festividades, mais divertimentos familiares, como na da marinha, onde muitos indivíduos pobres têm a grande preo-

cupação das salas, quando constroem suas casas, adaptando-as para os fandangos habituais ou para acomodação das folias, porque outro característico dessa gente é a hospitalidade herdada dos antigos paulistas, dos quais se consideram os mais legítimos representantes, pelo fato do isolamento em que vivem, formando como que uma casta à parte, sem o cosmopolitismo das grandes cidades ou das cidades novas, onde prolifera o elemento estrangeiro.

Por isso, desinteressam-se de tudo quanto é modernismo, conservando os seus usos e costumes, tradições que o tempo não tem conseguido apagar.

Do carnaval não apagaram o entrudo, que é a parte essencial dos folguedos, principalmente na roça.

As folias do Divino são recebidas com as solenidades e aparatos dos tempos coloniais, obrigadas a tiros de ronqueiras e o espoucar de foguetes, ceias e “assustados” que se prolongam pela noite em fora.

Das festas religiosas mantém quase que o mesmo brilho dos antigos tempos, conduzindo nas procissões os grandes guiões adomados.

Os sinos tangerem repicando alegremente como outrora, em sinais determinados, havendo “músicas” especiais e adequadas para certas ocasiões, como os *toques de luminarias* de difícil execução, os *dobres a finados*, os alegres repiques para o sepultamento de anjos, bimbалhos das alvoradas e muitos outros, típicos por sua natureza.

Descendendo dos antigos bandeirantes, orgulham-se dos seus feitos e narram suas histórias ao pé do fogo, da mesma forma que afirmam a existência do sací, do boitatá ou das almas penadas.

Pouco afeitos à religião, consideram-se católicos apostólicos romanos, porém pouco freqüentam a Igreja, a não ser por ocasião das festas principais, fugindo aos demais preceitos com uma ingenuidade de pasmar.

Quanto ao amor ao trabalho, é virtude que se lhe não deve negar, apesar das opiniões em contrário.

Os que conhecem o litoral e o seu clima ingrato, as dificuldades dos meios de transportes, a falta de recursos, e principalmente a pobreza dos seus habitantes, facilmente compreendem as mil dificuldades com que se vêm a braços os lavradores, que não dispõem de meios para grandes lavouras e lutam com sacrifícios para a manutenção da prole quase sempre numerosa e doentia.

O tempo geralmente mau no litoral é um dos seus piores inimigos porque, trabalhando durante o dia, são obrigados a redobrar os seus esforços atirando-se ao mar durante a noite, em busca do seu alimento predileto que é o peixe, regressando altas horas da

noite, quando não pela madrugada, pouco repousando, para depois de um café ou de um chá de fôlhas de laranjeira, retomarem o machado atirando-se ao duro labor da derrubada, em que permanecem longas horas, aguardando a refeição do meio dia.

Nessa luta terrível, ora para a roça ora para o mar, consomem tôda a sua energia, julgando-se felizes quando conseguem algumas roças de mandioca e os apetrechos principais para a pesca. E tudo isso sem outro auxílio além da ajuda dos amigos que os procuram para os mutirões, em que se auxiliam mütuamente.

Pode-se afirmar que a vida do praiano é de luta incessante.

Na lavoura, não lhes faltam as formigas, as pragas, os cachorros do mato, os ratos daninhos e sôbre tudo a adversidade do tempo, porque as chuvas constantes são o seu grande pesadêlo, arruinando-lhe as queimas, as plantações e as colheitas, pois nesta ocasião, sendo cada um dêles obrigado a atender a própria lavoura, não podem socorrer-se mütuamente.

E' preciso, porém, que se saiba que não só devido à configuração do solo como também à falta de meios, nenhum dêles possui aparelhos que facilitem o plantio ou a colheita e muito menos o amanho da terra.

E se o tempo não lhes dá a marcação durante a noite, não lhes faltam trabalhos no lar, onde passam a concertar a rêde ou fazendo-lhe novos panos, preparando utensílios de que necessitam, achando oportunidade ainda para "espantar a preguiça", para o que lançam mão da viola cantadeira, sua melhor amiga nos momentos de tristeza.

Como observadores, ninguém lhe leva vantagens. Poderíamos até citar fatos interessantes a êsse respeito, como o de um simples latoeiro que examinando um motor entendeu poder reproduzí-lo utilizando-se para isso de uma lata de querosene e que depois de mil dificuldades adaptou-a a um pequeno casco, passando às experiências, de que resultou a explosão, sem outras conseqüências além do afundamento da canoa por êle mesmo construída. O fato, entretanto, é que a máquina inaugurada funcionou por alguns momentos com satisfação para o seu inventor...

Forçado pelo meio em que vive, praiano é o *homem que toca todos os instrumentos*, como vulgarmente se diz, pois a necessidade de fazer a própria canoa, transformou-o no hábil carpinteiro da ribeira, mestre de construções navais, levando-o a realizar todos os trabalhos concernentes à arte, como a casa em que mora, o "tráfico", para a farinha, artigos de cerâmica, tecimento de palhas para coberturas, esteiras de perí, violas e até violinos, caixas delicadas e uma infinidade de objetos de uso doméstico.

E' proverbial a facilidade com que se adaptam aos mais diferentes misteres, substituindo a officiais artífices, como geralmente acontece, transformando-se em mecânicos e tanoeiros, maquinistas e pintores.

Pouco exigentes conformavam-se até há pouco tempo com salários mínimos e às vêzes vexatórios, sujeitando-se a trabalhos pesadíssimos e em lugares perigosos, o que tudo realizam da melhor boa vontade.

As indústrias a que se dedicam resumem-se na fabricação de farinhas, preparo de camarões e peixes, um pouco de aguardente e açúcar da terra, ou ao preparo de cordas extraídas de fibras diversas, taboado, remos e madeiras para construções.

Ao sul, pela profusão de sambaquis disseminados pela região, é muito importante a fabricação de cal extraída das cascas de ostras e berbigões.

Costuma-se dizer que o habitante da beira-mar é avêso ao uso do calçado, de que resulta a facilidade com que contrai o amarelão.

Entretanto, a razão está ainda no meio em que habita, pela necessidade constante de caminhar pelas praias e lugares pantanosos, atravessando córregos, riachos e cachoeiras, para chegar às roças, porque o litoral é cortado de rios e ribeirões, procedentes das numerosíssimas quebradas da serra do mar.

Outra falta de que o acusam é o descaso para com a família, permitindo a união ilícita dos filhos. Porém, para quem conhece o litoral, os seus usos e costumes, isso nada mais é que o resultado dos abusos praticados por alguns funcionários menos escrupulosos que, a pretexto dos preparos dos papéis para os casamentos, exigem avultadas quantias para a realização do ato, o que leva involuntariamente os interessados à presença do vigário da paróquia ou a aguardarem a passagem dos missionários católicos, para que legalizem perante Deus a união já verificada.

Assim, para todos os efeitos, julgam bastante o casamento religioso.

Entretanto, quando se dirigem aos cartórios para o registro do nascimento dos filhos, é o próprio serventuário que lhes nega a paternidade, forçando-os à realização do ato civil.

Daí o motivo do número crescente de filhos que figuram nas estatísticas como sendo naturais, quando os pais em santa ignorância se consideram legitimamente casados, não existindo na realidade êsse número absurdo de ilegítimos.

Outro fato que chama a atenção dos visitantes sôbre o filho do litoral é a indiferença e quase desinterêsse revelados por certas e determinadas ocorrências.

Mas se aprofundarmos as nossas observações, veremos que realmente a serenidade é peculiar ao praiano em consequência também do meio em que se encontra, habituado à vida da maré que é fértil em perigos e cheia de imprevistos, mas para a qual tem sempre voltados os olhos e o pensamento.

Para êles o mar é sua maior atração, o seu melhor amigo, a própria vida.

Como as procelárias, que fremem de alegria, cantando e esvoaçando ante o horror das tempestades, é com verdadeiro êxtase que contemplam os elementos em fúria e abrem as velas da pequena canoa quando desencadeia o rebojo.

De sua coragem e valor dizem melhor as narrativas sôbre o heroísmo do marinheiro, que em geral é filho da beira mar.

Daí a razão pela qual bem pouco se impressiona com os perigos, conservando o ânimo forte e a fronte erguida quando afrontam o mar bravio ou são surpreendidos pelas tempestades.

A êsse respeito muitos casos interessantes poderíamos citar, como o de um jovem que residindo junto à barra, teve oportunidade de assistir a travessia de uma lancha, que, rebocando grossos toros de madeira e impotente para vencer a tempestade que sobreviera, estava sendo arrastada barra em fora pela fôrça das correntes marítimas.

Compreendendo que algo de anormal ocorria a bordo, pela imobilidade do motor e a situação em que se encontravam os seus tripulantes, tomou de uma pequena canoa e arriscando a própria vida zarpou da praia, para alcançá-los num dos pontos mais perigosos do canal.

Acontecera que, para não serem levados pela fúria das águas, haviam cortado o cabo de reboque, mas, com tanta infelicidade, que a extremidade do mesmo fôra atraída pela hélice em movimento, enrolando-se no eixo e paralisando o motor, enquanto que a embarcação à mercê da corrente e da tormenta era arrastada para os bancos de areia! . . .

Então, sem perda de um instante, prendendo uma faca aos dentes, mergulhou no mar revôlto por duas ou três vezes, conseguindo cortar a amarra e safar a hélice, depois do que, desistindo de recompensas e fugindo aos agradecimentos, retirou-se.

Fatos como êsse são comuns e dispensam comentários, porque o praiano por sua reconhecida humildade sente-se ofendido quando o enaltecem pela prática de atos a que se julga obrigado pelas leis divinas.

Que diremos da epopéia das conoas?

Quem já assistiu à entrada das barras por ocasião das tempestades, a fúria dos vagalhões e o perigo dos bancos de areia, po-

de fazer um juízo seguro da serenidade dos nossos praianos, quando afrontam tais elementos contando apenas com o recurso dos remos e a segurança da pequena canoa.

Se para o sul são os atos de audácia praticados pelos práticos das barras correndo sôbre as ondas traiçoeiras, — para o norte, são as perigosas travessias fora do canal do Toque-Toque, em que geralmente os canoeiros são surpreendidos e aossados pelos vendavais, velejando horas seguidas pelo Oceano, numa luta titânica e fantástica, fugindo das arrebentações da costa e fazendo-se ao mar alto, porque em certos pontos seria infantilidade a esperança de um refúgio nas enseadas.

Não se atemorizam ante o horror das tempestades, o bramir colérico do pélagos raivosos ou o canto fúnebre das procelárias cortando o espaço ameaçadoramente, nem a presença dos terríveis tubarões.

Olhos fitos nas velas e nas escotas, mãos firmes ao leme ou ao timão, — eí-los horas a fio, muitas vêzes durante a noite, voando sôbre o salso elemento, sem um minuto de distração, observando os vagalhões e as rajadas mais violentas, manobrando com as escotas e com as driças, aliviando ou carregando o leme, porque o menor descuido lhes seria fatal.

São fatos comuns, que se repetem todos os dias, e de cujas consequências é atestado evidente a raridade dos desastres assinalados, o que prova a perícia dos mesmos, que são excelentes marítimos e melhores observadores.

Ainda sôbre êste ponto de vista, larga é a distância que os separa dos seus irmãos do Planalto, muitos dos quais transferindo-se para o litoral, embora atraídos pelo meio, jamais se aventuram a semelhantes emprêças, recuando atemorizados diante do mar bravio.

Se alguns pontos de contacto existem entre ambos, também não é pequena a distância que os separa.

Gente de índole pacífica e dedicada, o habitante do litoral demonstra o mais soberano respeito à autoridade constituída, tendo horror às brigas; e quando no trabalho da lavoura é forçado a defender-se de alguma agressão, antes se desfaz da foice ou do facão, entregando-se à luta corporal.

Vivo e inteligente, não se esquiva do estrangeiro invasor, para transferir sua residência para a mata distante, como se tem afirmado.

Ao contrário, aproxima-se do recém-vindo prestando-lhe todos os auxílios e informações.

Porém, quando escarnecido ou menosprezado, sabe desforrar-se com espírito.

Foi o que nos disse um velho amigo, ex-diretor de importante departamento do Estado, depois de uma visita ao litoral.

Interessando-se pela compra de um papagaio que encontrara nas mãos de um praiano, difficilmente entraram em acôrdo não só quanto ao preço, como também porque o pobre homem não se mostrava disposto a desfazer-se da ave, que, segundo afirmava “compreendia tudo”.

Essa frase levou-o a pilheriar com o mesmo, que se desforrou logo depois.

Estava o navio com as máquinas em movimento, quando se apresentou o vendedor, que ao entregá-la pediu que a conservasse junto à amurada, para, de longe embora, poder vê-la pela última vez e despedir-se.

Afastando-se, conservou a canoa à pequena distância e ao ver passar o vapor levou dois dedos à bôca soltando um forte assobio...

No mesmo instante, ao ouvi-lo, respondeu a ave até então conformada, atacando o novo senhor, que para livrar-se de suas garras aduncas foi obrigado a soltá-la, vendo-a fugir num vôo certo para pousar sôbre a cabeça do antigo dono, enquanto o vapor partia...

Só então compreendeu o lôgro em que caíra...

*

Os primeiros pontos da capitania a serem povoados foram as antigas vilas da marinha, que se tornaram o berço de nossa civilização.

Só mais tarde, com a investida dos bandeirantes para o sertão desconhecido, novas povoações foram surgindo na região do Planalto, aí se estabelecendo muitos dos filhos do litoral. Foi a epopéia das bandeiras.

Com a abertura de estradas, rápido foi o surto de progresso de muitas dessas povoações, pela facilidade dos meios de transportes.

Ainda assim, as vilas do litoral acompanhavam o progresso como receptoras dos gêneros de exportação, aumentando o movimento portuário pelas necessidades do intercâmbio comercial.

Esse estado de coisas continuou por longos anos, até que, com o atravessamento da região de Serra Acima pelas estradas de ferro, ligando-as à Capital e esta ao pôrto de Santos, veio o litoral a sofrer o mais rude golpe, sendo a quase totalidade da produção desviada para aquêlê pôrto, enquanto que as tropas desapareciam das outras vilas.

Por êsse motivo fecharam-se as estradas e muitos rios outra navegáveis barraram os seus cursos pela falta de limpeza.

Com o movimento imigratório para o interior da Província e desenvolvimento da lavoura cafeeira, procedeu-se a um verdadeiro êxodo da população rural das vilas da marinha, em demanda das fazendas e paralisação da agricultura nessas localidades, cuja vida estacionou ainda por algum tempo, entrando logo depois na mais dolorosa decadência.

Tendo o mar diante de si e para trás o paredão da cordilheira marítima, como que a interceptá-la do Planalto e inteiramente isolada da civilização e do progresso, passou a população da marinha como que a viver uma vida inteiramente à parte, conservando as suas lendas e tradições, usos e costumes, oriundos dos tempos coloniais.

Assim, enquanto no interior pela presença do elemento estrangeiro certos e determinados usos e costumes modificaram-se ou desapareceram completamente, no litoral não sofreram grandes alterações, exceção feita a divertimentos como as congadas, as festas dos Santos Reis e de Nossa Senhora do Rosário, que eram privativas dos homens de côr.

Do carnaval conservam o entrudo, os máscaras avulsos, o bando, tendo à frente os célebres lacaios que de laço alçado tanto medo infundem às crianças. Depois... é o "entêrro", em que cantorolando conduzem um taboleiro, esmolando de porta em porta para a ceia.

As noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, são festejadas com numerosas fogueiras, bombas e buscapés e aglomeração em volta das mesmas, onde se tiram sortes e assam-se carás.

As festas religiosas, embora sensivelmente modificadas, guardam ainda certo cunho de originalidade, como acontece com as procissões, onde aparecem os altos guiões adamascados, como insignias das respectivas irmandades e as enfeitadas bandeiras do Divino Espírito Santo, cuja festa ainda se realiza como nos velhos tempos, com as pitorescas folias que esmolam pelos sítios, cantando de casa em casa; a abertura do Império, os trajetos, distribuição de pães, doces e registros e a sorte para a novo imperador, em que ainda figuram o capitão do mastro, o alferes da bandeira e o pagem de estoque...

Os dias do Ano Bom, Natal e Reis, passariam despercebidos, se não fôsem os bailes habituais, o humilde presépio na Igreja Matriz e a missa do galo, sendo que em algumas localidades nunca se preparou a árvore simbólica, tão do agrado das crianças, excluindo-se também a ceia, muito comum entre outros povos.

Das lendas conservam-se quase tôdas, como as do Saci Saperê, do Lobishomem, do Boitatá, da Mãe d'Água, das Almas Penadas, das Visões Brancas.

Nas roças ainda aparecem os pedaços de baeta vermelha, presos a uma haste, para preservá-las do mau olhado e respeitam-se todos os dias santificados por causa dos castigos do Céu.

Entretanto, se percorrermos as casas dos caboclos, notaremos a falta dos oratórios, de muitos dos quais foram retiradas as imagens, que passaram para os troncos das bananeiras.

Das grandes fazendas, existem apenas as ruínas entre os altos capoeirões.

Hoje os sitiantes são homens pobres que cultivam pequenas áreas, enquanto que a maior parte das terras está inteiramente abandonada:

Por esse fato, entretanto, não devemos responsabilizar os pequenos lavradores mas sim o Estado, que em parte concorreu para arruiná-los aumentando-lhes os impostos, “valorizando” a pequena e desvalorizada propriedade e vendendo-a em hasta pública por falta de pagamento!

Por outro lado, vários capitalistas forçaram-nos a se desfazerem de suas terras, adquirindo partes de terceiros, prejudicando-os enfim, o que os levou à retirada para a cidade, onde foram aumentar a população do respectivo rocio, erguendo suas novas choupanas e entregando-se à vida do mar.

E se o resultado da pesca os favorece, nem por isso são mais felizes, pela exploração de que são vítimas por parte dos açambarcadores, que lhes impõem o preço, como acontecia nos tempos coloniais com os gêneros trazidos para Santos.

Nessa luta contínua, sem desfalecimentos, entregam-se aos mais rudes trabalhos, fazendo carretos, viajando como camaradas, fabricando cal ou cultivando um pedaço de terra geralmente sáfara e atirando-se ao mar durante a noite em busca do alimento para a família.

*

A experiência de longos anos levou o praiano à convicção da infalibilidade de certos provérbios antigos, baseados não só nos elementos da natureza, como em fenômenos que se repetem a cada instante, como o das estrélas cadentes, tão comum no litoral!

Podem ser consideradas em duas categorias as previsões referentes ao tempo: principais e secundárias, “certas” e incertas.

Entre as primeiras, se encontram:

Céu pedrento — chuva ou vento;

lua deitada, — marinheiro em pé;

lua à tardinha com seu anel, — chuva à noite ou vento a granel;

cerração na baixa, — sol que racha;

nordeste anoitecido — temporal amanhecido;
Bugiu na serra, — chuva na terra;
Norte duro, — pampeiro seguro;
Novem côr de cobre, — tempestade que se descobre;
rosado sol posto, — cariz bem disposto;
trovoada de manhã, — trovoada o dia inteiro;
vermelho a alvorada, — vem mal encarada;
lua nova trovejada, — trinta dias de molhada;
nuvem comprida, que se desfia, — sinal de grande ventania;
saracura cantando, — vento norte ventando.
ruivas à tarde, chuva à manhã (1).

Constituem elementos de segunda categoria, aquêles cujas manifestações demonstram a aproximação de mudança atmosférica e que concorrem com os primeiros para lhes dar mais força.

Assim, se constatando a cerração baixa, verificamos ao mesmo tempo que o sol se põe rubro, porém sem raios, concluem pelo aumento do calor, bom tempo prolongado, — sêca.

São elementos que se associam como afirmativa da previsão.

Se estando o tempo firme, arruina-se a maré, que não desce, conservando-se mais ou menos alta nas praias, é sinal evidente de vento sul.

Mas não só as marés que assinalam essa mudança brusca.

São prenúncios de tormentas, o galopar dos cavalos pelos campos, o voejar dos corvos bailando no espaço e sobretudo o aparecimento em noites enluaradas, de nuvens baixas e adelgaçadas, para os lados do oceano.

Se por um lado a “viração do mar” assinala bom tempo e os relâmpagos intermitentes para o sudoeste são interpretados como “calmaria”, por outro, ninguém duvida que depois do norte ou do nordeste se apresentará o vento sul, geralmente acompanhado de chuvas torrenciais.

Depois do primeiro ou segundo dia de norte, ouvindo-se o berro do bugiu na serra ou a queda de alguma árvore sêca, êsses elementos associados assinalam a baixa da temperatura e chuvas copiosas.

Em regra, os ventos do quadrante norte prenunciam mau tempo, como o nordeste quando sopra durante a noite.

Quanto às marés, podem ser arruinadas ou quebradas.

No primeiro caso, como já dissemos, não baixam, conservando-se mais ou menos cheias.

(1). — Êste provérbio deve estar grandemente modificado, mesmo porque fora à serra geral: ser mais ou menos rimado. Entretanto, Moraes Vieira e outros citam-no em sua forma correta, que é: *manhã ruiva, ou vento ou chuva*. Para o nosso praiano a frase — *ruivas à tarde* significa nuvens avermelhadas, esparsas no céu, anunciando mau tempo no dia seguinte.

São “quebradas”, quando ao contrário, devendo encher em pleno preamar, conservam-se a meio da praia.

Denunciam a mudança do tempo, para pior.

Os ventos em geral concorrem de uma maneira apreciável para tais conhecimentos.

Com referência ao mar, é manso ou “mar de charco” quando sopram norte e noroeste; agitado ou “picado”, quando os ventos vêm do mar; bravio ou mar grosso, não só com as tempestades de sul e sueste, como também quando sopra o vento oeste ou sudoeste.

O estado do mar é consequência das correntes marítimas, pelo que costumam dizer que *águas a leste* — mar grosso; — *águas ao sul*, — mar manso.

À noite perscrutam-se o “ronco” e se êste se faz ouvir para os lados do sul, tem-no como sinal de mau tempo, ao passo que bom augúrio quando bramindo para o norte.

A temperatura muito baixa é sinal evidente de mar encapelado.

Mas, se as estrêlas, a queda de árvores e outros fenômenos servem-lhe para tais conclusões, não desprezam outras observações fornecidas pelas aves aquáticas, pelos pássaros, pelo movimento dos peixes, insetos, etc.

Assim, em determinada época do ano, o agrupamento de tainhas nos parcéis junto à barra dos rios, revela a aproximação do rebojo.

Também o canto do Sem Fim anuncia chuva e o vôo das andorinhas pela manhã é prenúncio de trovoadas.

O uivo do cahorro do mato, previne-o da chuva que se aproxima.

No verão as trovoadas que apenas ameaçam, significam temperatura mais elevada para o dia seguinte; e se acontece chover na primeira terça-feira do mês, é mau aviso ao lavrador que durante trinta dias bem poucas vêzes verá o sol, principalmente se o fato se verificar na minguante da lua...

Para os praianos a “lua come tudo”. Por essa razão, estando o tempo ameaçado bem poucos vão para o mar antes do seu nascer ou mesmo do seu ocaso, porque com a lua fora nenhum perigo os ameaça. A verdade é que qualquer dúvida se resolve no momento em que ela nasce ou que se põe.

Por isso nenhuma viagem se faz sem consultar a maré e a posição da Rainha da Noite, quando exista a ameaça de uma trovoadas “piscando” para o sudoeste...

E se o caboclo dorme, o seu relógio é o ganso grasnando de duas em duas horas, ou a perdiz que não canta senão depois da meia noite...

Muitas páginas ainda poderíamos escrever sobre o assunto, se não fôra a necessidade de resumí-lo nos traços gerais que aí deixamos.

O litoral, pelas dificuldades dos meios de transporte é pouco visitado, interessando mais aos naturalistas estrangeiros pelas riquezas contidas em seu seio.

Infelizmente, porém, a falta de observação de certas leis como as que regulam a caça e a pesca ou sobre a devastação das florestas, muito deixa a desejar.

Se algumas espécies de aves já não se encontram em nossas praias, pela perseguição de que foram vítimas, outras, pela riqueza de suas lindas plumagens, tendem a desaparecer.

Nos tempos coloniais, bem severas eram as penalidades impostas aos que infringiam os provimentos sobre a pesca, não acontecendo como hoje, quando os nossos pescadores burlando as leis e — o que é mais grave, — contando com a conivência de certas autoridades, praticam os mais inqualificáveis abusos, empregando todos os meios de destruição.

Já se foram os tempos em que se desarmavam os mundéos na época da procriação e as rêdes de arrasto eram proibidas em pontos determinados, havendo a mais rigorosa vigilância quanto ao tamanho das malhas.

Hoje em dia instituiu-se o esporte da caça aos pombos no tempo das posturas; as armadilhas continuam prontas durante todo o ano e os cardumes são atacados impiedosamente.

Com referência às matas, ninguém ignora que sua derrubada é um fato em tôda a zona litorânea.

Essa devastação anual e sistemática vem causando o desaparecimento das grandes florestas virgens, cujas árvores depois de abatidas são entregues à ação destruidora do fogo.

E tudo isso, porque o litoral paulista permanece segregado das demais regiões do Estado, vivendo das suas lendas, das suas tradições e do seu passado, alheio ao progresso e conservando usos e costumes que lhe vieram dos tempos coloniais, pela falta de escolas e de aprendizados agrícolas.

A decadência de tôda a região acentuou-se do fim do século XVIII em diante, com o governo do Capitão-general Bernardo José de Lorena.

Os governos provincial e republicano, esforçando-se pelo seu ressurgimento, têm feito tentativas infrutíferas, empregando para isso avultadas somas.

Entretanto, — fato interessante, — o problema por cuja solução o litoral reclama há dois séculos, e que se concretiza na abertura de estradas de penetração, — êsse continua insolúvel até o

presente, para martírio das cidades da marinha, que foram o berço da civilização paulista.

Das canoas.

Peritos na arte da construção naval, especializaram-se os nossos praianos na factura das canoas, muitas das quais de grandes dimensões, com a capacidade para algumas toneladas de carga.

Grandes ou pequenas, dividem-se em duas classes distintas a saber: de *patilhas* ou feitio do mar; *ribeiranas* ou feitio da ribeira.

As primeiras, mais seguras, mais elegantes, são impróprias para a navegação dentro dos rios, pelas dificuldades de manobras nas curvas apertadas, o que não só se dá com as últimas que giram com precisão desviando-se, rapidamente dos troncos e demais impedilhos encontrados em sua passagem.

Em tôda a costa paulista, além dessa classificação geral, outras diferenças existem dentro dos referidos tipos.

Assim, no litoral norte, dá-se o nome de *voga* ou canoa de voga, às de grandes dimensões com cobertura, empregadas em transportes para os portos de Santos e do Rio de Janeiro; e *batelão* às menores, porém capazes para as mesmas travessias.

Na região sul paulista não existe semelhante distinção, mas sim a de *canoas* em geral, abrangendo os tipos destinados ao transporte de cargas, canoas de pesca e até mesmo às que navegam mar afora.

Para os batelões, aproveitam-se as pontas dos paus dos quais se fizeram as canoas.

São pequenas embarcações em que se divertem as crianças, não correspondendo, portanto, aos batelões do litoral norte.

E dizemos *ponta dos paus*, porque, sendo nessa parte do litoral a dimensão da canoa marcada pela bôca ou largura, há geralmente uma sobra de madeira de onde saem os batelões.

Aos do litoral norte, correspondem, ao sul, as canoas de praticagem, com a diferença única da madeira escolhida para essa espécie de embarcações, que é o guaperuvu ou outras madeiras brancas, por serem mais leves e próprias para o mar alto.

Tôdas elas são canoas de *patilha*.

Para o norte são desusadas as ribeiranas, muito comuns na região sul, especialmente na Ribeira de Iguape: neste município, são de menores dimensões e banqueadas; em Iguape, ao contrário, são desprovidas de bancos para melhor manêjo dos varejões.

Outras diferenças são as que dizem respeito ao velame, localização e posição dos mastros.

Ao norte, somente se usam as velas chamadas *redondas*, ao passo que para o sul apenas aparecem as *latinas*, de talhes caprichosos, como a bujarrona, o traquete e a mezena.

As vogas do litoral norte são providas de um grande mastro quase perpendicular e colocado à meia nau; as canoas do litoral sul apresentam dois, com inclinação para a ré.

Justificam-se tais diferenças, de acôrdo com o meio.

E' que para o norte tôda a atividade tem por campo de ação o oceano sempre agitado, enquanto que para o sul o mesmo se processa nos grandes e calmos mares, baías e canais interiores.

*

* * *

RESUMO CRONOLÓGICO DOS PRINCIPAIS FATOS OCORRIDOS NA VILA DE SÃO SEBASTIÃO DESDE OS SEUS PRINCÍPIOS.

1502-1875.

- | | |
|------------|--|
| 20- 1-1502 | Américo Vespucci, em viagem pela costa, surge em frente à ilha de <i>Cereyba</i> , dando-lhe o nome de — São Sebastião. |
| 1- 8-1531 | A esquadra de Martim Afonso de Souza passa defronte da ilha de São Sebastião, sem tocá-la. |
| 24- 2-1586 | Carta de Sesmaria, concedida a Diogo Rodrigues e José Adorno pelo capitão Jerônimo Leitão, na praia de Bertioga, até Toque-Toque. |
| 20- 1-1603 | Lopo de Souza, por seu locotenente Gaspar Conqueiro, concede uma Sesmaria em São Sebastião a Diogo de Unhate e João de Abreu. |
| 29- 8-1608 | Gaspar Conqueiro concede a Gonçalo Pedroso, por carta de Sesmaria, uma sorte de terras, a começar da ponta do Toque-Toque, em São Sebastião. |
| 30- 8-1608 | E' concedida por Sesmaria a Simão Machado uma sorte de terras no lugar chamado — Ipianameima — debaixo da ilha de São Sebastião. |
| ..- 9-160. | Carta de Sesmaria passada a Diogo Dias, em São Sebastião. |
| 30- 8-1608 | Diogo de Unhate e João de Abreu receberam por Sesmaria duas sortes de terras em São Sebastião. |
| 2- 9-16... | Carta de Sesmaria a favor de Simão Machado, na paragem a que chamam... <i>messuma</i> . |
| 20- 9-1608 | Diogo de Unhate e João de Abreu conseguem por Sesmaria duas outras sortes de terras na ilha de São Sebastião, na terra firme. |
| 10- 9-1609 | Carta de Sesmaria concedida por Gaspar Conqueiro a Jácome Lopes — além da ilha de São Sebastião, na ponta dos Guarú... (ilegível). |
| 26- 1-1610 | Carta de Sesmaria concedida a Antônio Pedrozo, na Guaratiba, até o curral dos padres da Companhia. |

- 19-12-1610 Carta de Sesmaria a favor de Diogo de Onhate, o moço e Inocência de Onhate seu irmão e Miguel Gonçalves, na terra firme para a banda do rio Jubatiba.
- 29-10-1700 A vila de São Sebastião fica sujeita à jurisdição do Rio de Janeiro.
- 8- 8-1721 Ofício da Câmara sobre a criação do govêrno da vila.
- 27-11-1721 O Sargento-mor comunica ao Governador a chegada ao pôrto de São Sebastião de 3 navios holandeses, cujo comandante protestara por não lhe haverem querido vender mantimentos, propondo a troca de 30 espingardas por 3 rezes.
- 28-12-1721 Falece o Rev. João Amaro da Silva.
- 24- 2-1722 Manuel Lopes de Medina faz comunicação à Câmara, de haver descoberto pintas de ouro num dos ribeirões do município.
- 11- 3-1724 Pela Câmara são enviadas ao Governador da Capitania as noticias referentes à história da Vila, a fim de serem transmitidas à Academia de Lisboa.
- 16- 9-1729 Domingos Gomes da Costa assina o primeiro contrato sobre a pesca de baleias em São Sebastião.
- 23- 2-1731 As vilas de São Sebastião e Ubatuba ficam sujeitas à jurisdição de São Paulo.
- 15- 5-1733 E' suspenso o estabelecimento da pesca de baleias na costa da Capitania.
- 27-12-1754 O Conselho Ultramarino assina um novo contrato sobre a pesca de baleias, em São Sebastião.
- 3- 1-1767 Carta de D. Luís Antônio de Souza comunicando haver dado inicio às fortificações das barras e dos quatro fortes, do pôrto.
- 27- 6-1789 Ofício da Câmara ao Governador pedindo em nome do povo a liberdade do comércio, tornando o pôrto livre.
- 4- 3-1797 Chegada de navios franceses e embarques de madeiras.
- 22-10-1798 Ofício da Câmara sobre a necessidade de um mestre régio de Gramática Latina.
- 24-10-1798 Ofício da Câmara dizendo que a 18 de novembro de 1798 haviam se reunido as principais pessoas do lugar, a fim de concorrerem voluntariamente para construção de uma nova Igreja, porque a que existia estava em ruínas.
- 18-11-1798 Os lavradores são convidados a fim de concorrerem para a construção da nova Igreja Matriz.
- 18- 5-1799 Chegam à vila um engenheiro, um médico e um cirurgião.
- 5- 7-1800 A Câmara oficia pleiteando a saída livre do açúcar cuja produção era calculada em 20.000 arrôbas, que, pagando 10 réis cada uma, renderiam 200\$000.
- 20-12-1802 Reclamação dos negociantes contra o impôsto de 400, sobre o sal, o que dava motivo a que os barcos regresassem sem fazer negócio, uma vez que aquela mercadoria, que antes custava 800 réis por alqueire, se elevasse a 1\$600.
- 21- 5-1803 Representação da Câmara alegando que, pagando o povo o impôsto literário, não gozavam os habitantes da

- vila, da vantagem de um professor, sendo que por esse motivo, estava Antônio Braga servindo esse cargo, sendo pago apenas pelos ricos.
- 21- 9-1803 Ofício da Câmara sobre a estrada para Serra Acima, passando por Caraguatatuba.
- 22- 5-1804 Reclamação do povo de Vila Bela sobre a livre exportação de açúcar.
- 24- 6-1804 Ofício do capitão-mor comunicando a epidemia de beixigas e sobre a primeira missa cantada na capela do Convento da ilha.
- 9- 8-1804 Chega ao pôrto de São Sebastião uma embarcação procedente de Buenos Aires, com 42 mil couros.
- 10-11-1804 Conclusão do caminho de Serra Acima, até às suas divisas.
- 11-11-1804 Informação do capitão-mor sobre o motivo pela qual não se rezava missa na capela de Nossa Senhora da Ajuda.
- 7- 9-1805 Ereção da antiga capela de Nossa Senhora da Ajuda, em *vila*, com o nome de Vila Bela da Princesa.
- 30-11-1805 Chega ao pôrto de São Sebastião uma balandra espanhola.
- 23- 1-1806 Foi instalada oficialmente a povoação de Vila Bela da Princesa.
- 8- 2-1806 Ofício da Câmara sobre a ereção de Vila Bela.
- 13- 7-1806 Irrompe na Vila a epidemia de sarampo.
1806 Desmembramento de Vila Bela do atual município de São Sebastião.
- 14- 1-1807 Contribuição dos moradores para a feitura da estrada pública.
- 17- 8-1809 O governador da vila envia ao Govêrno uma relação da artilharia, munições de guerra e armamentos aí existentes.
1809 Separação eclesiástica de Vila Bela da Princesa.
- 8-10-1810 Ofício do inspetor de estradas sobre o caminho de Caraguatatuba para Sorocaba.
- 22- 1-1811 Comunicação feita pela Câmara sobre o serviço da estrada da ilha de São Sebastião.
- 2- 4-1811 Oficia o inspetor da estrada de Caraguatatuba para Jacaré informando sobre a mesma.
- 4- 4-1811 Ofício da Câmara sobre a ponte do Rio Negro.
- 23- 6-1811 A Câmara da vila remete ao Govêrno um plano para a feitura da ponte sobre o rio Juqueriquerê.
1811 Oficiava o Governador da vila ao Capitão General sobre a decadência local.
- 12- 1-1812 Partida de uma galera inglesa.
- 31-12-1812 Participação ao Govêrno que nesse dia, dois navios ingleses pretendiam fazer embarques de madeiras, sem ordem.
- 15- 1-1813 Ofício do Cel. Francisco Ferreira Nobre, comunicando haver proibido o embarque de madeiras, pertencentes aos ingleses.
- 13- 3-1813 Parte do pôrto de São Sebastião um navio inglês com carregamento de madeiras.

- 18-10-1813 Falece o capitão-mor, Manuel Corrêa de Mesquita.
12- 3-1814 Ofício da Câmara sobre a retificação da estrada de Serra Acima.
12- 2-1814 Carta Régia, nomeando Leandro Bento de Barros, Professor de Primeiras Letras da Vila de São Sebastião.
25- 4-1814 Partem dêsse pôrto diversos navios conduzindo madeiras.
23-10-1814 Sobre embarque de madeiras para a Inglaterra.
11- 3-1815 Novo carregamento de madeiras por navios ingleses.
7-12-1815 Entra no pôrto de São Sebastião, a galera espanhola "Senhora das Dores", carregada de conservas.
2- 1-1816 Ofício da Câmara sobre os bons resultados obtidos pelo cirurgião Antônio Vicente Ferreira, no emprêgo da vacina contra as bexigas.
29- 1-1816 Sobre a factura do caminho de Serra Acima e contrato de homens para êsse fim.
28-12-1816 Ofício da Câmara participando o falecimento do Padre João Amaro da Silva e propondo para o lugar vago de professor de Gramática Latina, o rev. Sebastião Álvares da Cruz.
11- 5-1817 Ofício da Câmara comunicando que o navio inglês "Cook" ficara carregando madeiras na ilha dos Porcos.
14- 6-1817 Continua o carregamento de madeiras por navios ingleses.
8- 9-1817 Falece o governador da vila, Francisco Inácio Ferreira Nobre.
9-10-1817 Por alvará dessa data criou-se um Juiz de Fora na vila de São Sebastião.
18- 4-1818 Ofício à Câmara comunicando a conclusão da Casa da Pólvora.
10- 7-1818 Ofício da Câmara comunicando ao Govêrno o mau procedimento dos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, impedindo o comissário inglês Carlos Grace de retirar as madeiras cortadas há anos, na fazenda Gaecá.
6-11-1818 Publicação de um edital sobre a construção da ponte sobre o rio Juqueriquerê. Ofício pedindo a construção de uma estrada ligando as vilas do litoral às da Serra Acima.
11-11-1818 Representação da Câmara comunicando que os alicerces da Igreja Matriz haviam sido feitos à flor da terra e que o empreiteiro era incompetente, tanto assim que outra obra e a igreja de Ubatuba, feitas por êle, haviam ruído, vindo ao chão.
21-11-1818 Representação dos capitães-mores de Taubaté e São Sebastião sobre o plano para ser construído o caminho que ligava as vilas do litoral às de Serra Acima.
2- 2-1819 Chega um navio inglês para carregamento de madeiras.
4- 3-1819 Chegam a êsse pôrto dois navios franceses.
18- 6-1819 Chega à vila de São Sebastião o tenente José Joaquim de Abreu.
13- 7-1819 Sobre defesa da vila.
2- 8-1819 Maximiliano Augusto Penedo assume o govêrno da vila.
28- 8-1819 Fortificação da vila e recebimento de armas de fogo.

- 29- 9-1819 Ofício da Câmara sôbre as obras do caminho para Santos.
- 1-10-1819 Chega à vila o capitão Pedro Arbues Moreira e inicia a construção de dois fortes.
- 23-10-1819 Pedro Arbues Moreira comunica a conclusão de cinco fortes.
- 5-11-1819 Ofício de Francisco Pedro Arbues Moreira, informando haver concluído e municiado os fortes, e que seguia para Ubatuba onde o levava a mesma incumbência.
- 29-11-1819 Envia o capitão-mor da vila, uma relação dos homens de 14 a 70 anos, aptos para o serviço de defesa.
- 3- 1-1820 E' aberta concorrência pública para construção da ponte sôbre o Juqueriquerê, havendo uma proposta de 4:000\$000 que era exorbitante.
- 7- 3-1820 O capitão-mor remete uma lista geral dos baleeiros e das embarcações empregadas na pesca.
- 5- 4-1820 Comunicação da Câmara ao Govêrno, referente aos trabalhos da estrada de Cubatão a Santos.
- 13- 5-1820 Informação do capitão-mor sôbre a falta de azeite.
- 4- 8-1820 João José da Silva Costa assume o govêrno da vila.
- 2-10-1820 Ofício da Câmara sôbre a necessidade de ser criado um posto de Registro na Pedra da Onça, no caminho de Caraguatatuba.
- 2-11-1820 Falece o sargento-mor Francisco Ribeiro de Escobar.
- 30-12-1820 Reclamação dos vereadores pedindo providências para poderem exercer o mandato, pois estavam ameaçados por outrém.
- 18- 2-1821 Sôbre a expulsão de Bernardo Malafaia e ameaças dês-te de regressar à vila. Parte contra Carlos Grace que afirmava haver resolvido construir a ponte sôbre o Juqueriquerê com 10 palmos apenas de largura.
- 3- 2-1821 Ofício do capitão-mor informando quanto percebiam os baleeiros.
- 23- 3-1821 Informações do capitão-mor sôbre as últimas ocorrências, entre as quais a tentativa de morte de um marido contra a mulher, lançando-a ao mar.
- 26- 3-1821 Ofício da Câmara acusando ao governador a ordem para que, a título de economia, escrevessem em papel ordinário.
- 6- 7-1821 Ofício da Câmara sôbre o juramento às bases da constituição.
- 9- 8-1821 O capitão-mor envia ao Govêrno uma relação das confrarias e irmandades existentes em São Sebastião.
- 1- 9-1821 Ordem do Govêrno para aproveitamento dos soldados do batalhão de caçadores, que fôra extinto, na factura do caminho para Jacaréí.
- 23- 1-1822 Joaquim de Sant'Ana Tôrres assume o govêrno militar da vila.
- 8- 3-1822 A Câmara officia ao Governador com relação à manutenção dos presos que trabalhavam no caminho de Serra Acima. Outro, comunicando o clamor do povo contra o impôsto de 10 réis por cada animal que passasse pelo Juqueriquerê.

- 25- 4-1822 O capitão-mor pleiteia a construção de uma bateria em Vila Bela.
- 25- 4-1822 O capitão-mor Julião de Moura Negrão (pai), solicita a sua reforma.
- 13- 5-1822 Ofício da Câmara dando parte de atos praticados pelo capitão-mor que pertenciam à alçada do governador da vila.
- 11- 8-1822 O sargento-mor Lopo da Cunha d'Eça assume o governo militar da vila.
- 1- 1-1826 Lopo da Cunha d'Eça e Costa, envia ao Governo, mapas do movimento de exportação e importação e relação das munições de guerra, existentes no depósito da vila.
- 7- 1-1826 O capitão-mor remete o orçamento da despesa necessária da vila, a ser feita por conta do Estado.
- 20- 2-1826 O Inglês Carlos Grace apresenta proposta e condições para o concêrto da ponte do rio Juqueriquerê.
- 23- 4-1826 Lopo da Cunha, assume o governo militar de Vila Bela da Princesa, que fôra anexada à vila de São Sebastião.
- 1- 5-1826 O governador da vila apresenta uma proposta sôbre as economias a serem feitas, na atual despesa de Vila Bela.
- 17-11-1826 Comunica Lopo da Cunha que, achando-se bloqueado o pôrto por causa dos piratas que estavam fundeados na barra de leste, e outros sôbre o mar do sul, resolve, pôr em armas tôda a tropa e povo, pedindo ainda 140 homens. Outrossim, oficia à côrte, por achar necessária "uma visita de embarcações de guerra" a êsse pôrto. Officia também ao Governador da Praça de Santos, pedindo socôrro da parte dos artilheiros.
- 18-11-1826 Relatório de Lopo sôbre o ataque das vilas de São Sebastião e Vila Bela, pela escuna de guerra *Sarandy*, sob o comando do almirante Brown.
- 10- 3-1827 O governador de São Sebastião, comunica ao Governo a presença de 3 navios de piratas nas costas da vila.
- 8- 7-1827 Antônio de Almeida repele e derrota um destacamento argentino na ilha de São Sebastião. A fôrça inimiga que pertencia à guarnição de um corsário, embarca em desordem, deixando dez mortos, quase todos ingleses ou norte-americanos. Para vingar o pequeno revês, o comandante do corsário manda queimar em outro ponto da ilha, a casa de uma fazendá.
- 11- 2-1828 O tenente coronel e governador da vila comunica ao Governo que, tendo conhecimento da partida do almirante Brown, de Buenos Aires, com 14 velas para fazer a guerra de corso, nas costas do Brasil, tomara suas providências, reunindo por isso a guarnição miliciana da vila, chamando ainda em auxílio das mesmas as tropas do Regimento de Cavalaria Ligeira n.º 17 e do Batalhão de Caçadores n.º 37.
- 19- 9-1829 Ofício da Câmara ao Vice-Presidente da Província, informando quais eram as terras devolutas existentes no município.

- 13- 1-1832 Ofício da Câmara comunicando sobre a organização da Guarda Nacional, contando a mesma de 228 homens para o serviço ordinário e 52 da reserva.
- 14- 7-1832 A Câmara encaminha ao govêrno uma representação sobre divisas, em que se declara irem as mesmas até às margens do rio Paraibuna.
- 12- 9-1832 Benedito Xavier Teixeira toma posse do cargo de professor da Escola de Primeiras Letras.
- 3-11-1832 Ofício da Câmara ao Presidente da Província sobre o destino que devia dar à importância de 30\$000 que se achava recolhida em cofre, proveniente da multa imposta ao eleitor Pe. Domingos Moreira do Espírito Santo, “por haver faltado sem causa, à eleição de Deputados à Assembléia Geral Legislativa”.
- 22-11-1832 A Câmara envia cópia de um ato em que se declarava que, “sendo a vila criada com 6 léguas de sertão para Noroeste e devendo estas contar-se em todo o litoral do Têrmo para o centro, ao mesmo rumo, e precisando marcarem-se os limites entre a vila e a de Paraibuna, se fizesse a divisão pelo rio Pardo, na estrada, seguindo a nascente do dito rio, até a eminência do outro rio Pardo, que conflui para o Juqueriquerê até tocar a picada aberta da vila para a Capela de São José, correndo a cordilheira a fazer ponto na Pedra Prêta, e desta para o mar, a rumo do Sul, pelo campo que ficava sobre a montanha do rio Pardo, na altura da Praia da Baleia; e que do sobredito rio Pardo, da estrada da Paraibuna, seguisse a divisão em direção ao rio das Antinhas, no caminho do Pouso Alto, entre êste e o rio Negro, a rumo de nordeste, devendo todo o districto do Bairro Alto a pertencer à Vila de São Sebastião. As divisas com Ubatuba, correriam pela serra Corcovado, e com São Luís, pelo morro Taimbé, até a barra do rio Santa Margarida”.
- 11- 2-1833 Orçamento da Câmara para a estrada que, da vila, deveria seguir para Mogi.
- 30- 3-1833 Representações enviadas ao Govêrno sobre as divisas municipais.
- 2- 5-1833 Representação da Câmara apoiando o Govêrno e protestando contra as ocorrências que haviam tido lugar em Ouro Prêto, no dia 22 de março, com a deposição do govêrno daquela Província.
- 8- 7-1834 Ofício da Câmara comunicando ao Govêrno que os tropeiros se negavam ao pagamento da contribuição da passagem pela estrada de Caraguatatuba.
- 20- 7-1834 O coletor Jacinto Leite de Godói, remete ao Govêrno o mapa da Importação e Exportação da vila, correspondente ao período de 1.º de julho de 1833 a junho de 1834, pelo qual se verifica o seguinte:

Importação:	56:742\$560
Exportação:	103:703\$820

Entre os gêneros exportados avultavam os seguintes:

Café, arrôbas	41.165
Açúcar, idem	196
Feijão, alq.	179
Toucinho, arrôbas	377
Caixas com marmeladas	201
Aguardente, pipas	38

Além disso, muitos outros gêneros e muita louça de barro, sendo 10.360 panelas.

1- 9-1835

Ofício da Câmara participando haverem sido recomendados os trabalhos da estrada para a Capela Curada do Paraitinga e solicitando um auxílio. Declarava ainda haver sido a mesma iniciada em agôsto de 1833 e que já construira seis léguas e três quartos, com a despesa da Ponte do Paraitinga, até Rio Verde de 2:432\$979, além de 247\$460, com o serviço de exploração.

23- 1-1835

Novo Relatório apresentado pelo Coletor Jacinto Leite, participando o movimento comercial durante o semestre de 1.º de julho a dezembro de 1834:

Importação:	49:897\$080
Exportação:	72:191\$820

Do mesmo Relatório constava ainda o movimento da vila de Ubatuba e Vila Bela em igual periodo, que havia sido o seguinte:

Importação:	12:766\$500
Exportação:	23:628\$000

15- 7-1835

Novo Relatório do mesmo Coletor, referente ao periodo de 1.º de julho de 1834 a junho de 1835:

Importação:	118:245\$100
Exportação:	129:135\$940

Vila de Ubatuba:

Importação:	52:923\$960
Exportação:	149:940\$200

21- 3-1837

O Juiz de Paz Antônio Justiniano Ferreira officia ao Governo pedindo ordem para intimar o mestre da barca do vapor "Todos os Santos" que sempre passava à noite pelo pôrto, para apresentar a relação dos passageiros, a fim de evitar o desembarque de criminosos.

27- 5-1837

No sítio Outeiro, um escravo de nome João, assassina a machadadas senhor moço, o filho de Pedro da Silva Costa, tendo sido condenado à morte em 16 de agôsto do mesmo ano e executado na própria vila a 26 do referido mês.

25- 2-1839

Por mão misteriosa foi lançado fogo na mata do sopé do morro do Araçá e porque nesse dia ventasse norte, propagou-se o incêndio pelo morro, sendo extinto a muito custo; pedindo-se um Reparo de uma Peça de Calibre 12.

- 19- 4-1839 A Câmara da Vila envia ao Govêrno uma relação dos guardas nacionais, com o número de 117 soldados e oficiais.
- 20- 4-1839 Ofício da Câmara pedindo a ida de um navio de guerra a fim de comboiar as embarcações que se achavam retidas naquele pôrto por causa dos corsários que navegavam nas imediações.
- 29-11-1841 Ofício da Câmara informando ao Govêrno sôbre as divisas do município.
- 21- 4-1842 Idem remetendo a Relação dos Guardas Nacionais e de uma Companhia de Artilharia da Vila.
- 29- 5-1842 Chega a São Sebastião a barca a vapor “Todos os Santos”, desembarcando 60 praças de linha.
- 14-11-1842 Ofício da Câmara informando ao Govêrno quais as sesmarias e a quem haviam sido concedidas, no município de São Sebastião.
- 25- 2-1847 Em Resposta a uma Portaria do Marechal Lima e Silva, presidente da Província, informa a Câmara da vila que no município não havia nenhuma colônia “nem terreno devoluto apto para tais estabelecimentos”.
- 7- 7-1848 Remete a Câmara a Relação dos Guardas Nacionais que formavam 4 Companhias de Infantaria com 548 homens, mais uma Companhia de Artilharia com 103, além de 25 da reserva, num total de 586 pessoas.
- 17- 9-1850 A Câmara envia ao Govêrno o orçamento para a construção da ponte sôbre o rio da Cruz.
- 26-10-1850 Falece o professor de primérias letras do Bairro de São Francisco, Francisco Inácio Moreira.
- 3-12-1851 E’ nomeado João Inácio Silveira da Mota inspetor do 18.º distrito, ou seja, São Sebastião, Vila Bela e Caraguatatuba.
- 24- 1-1852 A Câmara envia uma relação das fábricas existentes no município de São Sebastião.
- 6- 4-1852 Francisco de Paula Leite pede demissão do cargo de inspetor da Serra de Caraguatatuba.
- 7- 8-1852 E’ nomeado Manuel dos Passos Souza para o cargo de inspetor da estrada à Caraguatatuba e atalho do Pe. Pereira.
- 15- 8-1852 Falece o Rev. Sebastião Alvares de Oliveira Cruz, professor jubilado de Gramática Latina.
- 22-12-1852 Do inspetor de estrada remetendo o orçamento das despesas com os concertos na estrada que vai à Caraguatatuba e atalho do Pe. Pereira.
- 9- 1-1853 O brigue “Cacique”, de propriedade de José Joaquim de Oliveira, residente em Paranaguá, tendo saído no dia 3 do pôrto do Rio de Janeiro para o Sul, naufragou pelas 5 horas da tarde, a 3 milhas ao sul da Ilha dos Alcatrazes, salvando-se tôda a tripulação e um passageiro.
- 15- 1-1853 O delegado de policia Justiniano da Silva Salinas, comunica ao Govêrno o naufrágio do brigue nacional — “Cacique”, — ocorrido no dia 9 do referido mês, três milhas ao sul dos Alcatrazes, pelas 5 horas da tarde, tendo a bordo 11 tripulantes e 1 passageiro.

- 4- 3-1853 A Câmara officia ao Govêrno sôbre as estradas de Paraibuna e Caraguatatuba.
- 24- 9-1853 O inspetor da estrada, Manuel Passos Souza, remete ao Govêrno um orçamento sôbre as obras da estrada de São Sebastião à Caraguatatuba.
- 25- 9-1854 O administrador da Mesa de Rendas, João de Sant'Ana Meira, informa ao Presidente da Provincia sôbre o estado da navegação do litoral norte, declarando ser o mesmo serviço praticado pelas seguintes embarcações à vela: brigues-escunas "Paraibuna" e "Isabel", de 126 e 120 toneladas, respectivamente; sumacas: "Nova Castro", de 113; "Esperança Feliz", de 88 toneladas; patacho "Viriato", de 79, não havendo nenhuma embarcação a vapor.
- 20-12-1855 O administrador da Mesa das Rendas (de São Sebastião) envia ao Govêrno da Provincia o rol das embarcações que faziam escala pelo referido pôrto, ao todo oito navios à vela:
- | | Toneladas |
|--|-----------|
| Brigue-Escuna, "Andorinha" | 120 |
| Sumaca, "Nova Castro" | 113 |
| Patacho, "Paquete de Ubatuba" | 144 |
| Sumaca, "Esperança Feliz" | 86 |
| Sumaca, "Paulina" | 44 |
| Patacho, "Liberdade do Comércio" | 125 |
| Hiate, "Caraguatatuba" | 24 |
| Não havia nenhum vapor. | |
- 1856 E' erecta em freguesia a povoação do Bairro de São Francisco.
- 20- 4-1857 Elevação de Caraguatatuba à categoria de Vila.
- 3-12-1864 Insurreição dos escravos da fazenda de Gaccá, que assassinam o seu administrador.
- 12- 4-1866 O Dr. Mateus Marcondes de Moura Romeiro toma posse do cargo de Juiz Municipal e de Órfãos, dos têrmos reunidos de São Sebastião e Vila Bela, para o qual havia sido nomeado por decreto de 25 de janeiro do mesmo ano.
- 29- 8-1866 A Câmara envia ao Govêrno da Provincia uma "exposição suscinta" ou descrição topográfica do município, contendo seus limites, estradas, etc.
- 29- 8-1866 Officio da Câmara, informando circunstanciadamente sôbre a situação, limites, posição e estradas da vila de São Sebastião.
- 7-11-1866 A Câmara informa que o serviço de navegação é feito exclusivamente pelos seguintes barcos à vela: patachos *Liberdade do Comércio* e *Adamastor* e brigue-escuna *Andorinha*, de 120, 94 e 120 toneladas, respectivamente.
- 13- 2-1867 O Dr. Francisco Gonçalves da Silva assume o cargo de Juiz Municipal e de Órfãos, dos têrmos reunidos de São Sebastião e Vila Bela da Princesa.
- 22- 3-1867 Informação enviada pela Câmara Municipal sôbre ruas da vila e edificios públicos, indústria, comércio, vias de transportes, etc.

- 30- 9-1867 Tragédia do Ribeirão das Mortes, em Caraguatatuba, em que são assassinados o Capitão João Esteves de Sant'Ana, sua mulher, uma filha, um genro e outros membros da família, num total de oito pessoas.
- 4-10-1867 João Pinto Cidade, Delegado de Polícia, presta informações ao Presidente da Província sôbre a tragédia de Caraguatatuba, onde por seus escravos, foi eliminada a família do fazendeiro João Esteves de Sant'Ana, com o assassinato de sete pessoas, cujos cadáveres ficaram espalhados pelo terreiro da fazenda Ribeirão, "com os olhos arrancados, bochechas rasgadas até as orelhas, dentes quebrados, pernas fraturadas, cabeças achata-das, braços descarnados, crânios esmigalhados à foi-çadas, — todos crivados de facadas e estoucadas".
- 11- 9-1868 O Juiz Municipal participa ao Govêrno que tendo sido indeferida por S. Majestade a petição de grava a fa- vor do pardo Bernardino, escravo que fôra de José Esteves de Sant'Ana, condenado à pena capital, e não havendo fôrca na vila, pedia autorização para as des- pesas com a elevação da mesma, a fim de poder man- dar cumprir a sentença e solicitando a remessa de fôr- ça para formar o competente quadro na hora da exe- cução.
- 6- 4-1870 Ofício da Câmara pedindo para que não fôsse supri- mida a freguesia de São Francisco, como propunha um projeto apresentado à Assembléia.
- 24- 7-1871 Representação para que não fôsse suprimida a linha do litoral, entre Rio e Iguape, que estava sendo feita pelo vapor "São Vicente", porque êsse fato acarretaria incalculáveis prejuízos ao público e ao comércio em geral.
- 8-10-1871 Fallece em São Sebastião o seu Vigário Encomendado, padre Antônio Pinto.
- 25- 8-1875 O presidente da Câmara Municipal Manuel Antônio de Matos congratula-se com o Presidente da Província pe- la ordem para "demolição" do Pelourinho existente no largo da Matriz, instrumento de tão lúgubre recorda- ção".

* *

*

INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES AO CONVENTO
SÃO FRANCISCO.

1835

A Imagem de Nossa Senhora do Amparo com seu menino	
Duas coroas de prata da mesma quantia de cincoenta mil reis que vão	50\$000
Um apagador de pedras encastoadas em prata na quantia de dez mil reis, e sai	10\$000
Um par de brincos de pedras encastoadas em prata na quantia de dous mil reis	2\$000
Dous ditos de grezolitas encastoadas em prata na quan- tia de doze mil reis, que sai	12\$000
	<hr/>
	74\$000

Dous anéis de grezolititas na quantia de oito mil reis que sai	8\$000
Hum dito anel de grezolitita na quantia de quatro mil reis, que sai	4\$000
Huma Imagem de Santa Anna, com seu menino	
Huma coroa, e hum resplandor na quantia de doze mil reis, que sai	12\$000
Hum par de brinco de ouro cravado de pedras na quantia de quatro mil reis que sai	4\$000
Huma Imagem de Santa Barbara	
Hum resplandor da mesma quantia de seis mil reis que sai	6\$000
Um par de brincos de ouro com topazios encarnados na quantia de cinco mil reis que sai	5\$000
Uma Imagem de Santo Antonio com o menino	
Dous Resplandores de prata e huma cruz na quantia de trinta mil reis que sai	30\$000
	<hr/>
	143\$000
Huma Imagem de São Bento com o menino	
Dous resplandores de prata, na quantia de seis mil reis que sai	6\$000
Huma Imagem do Senhor da Canna Verde	
Hum Diadema de prata na quantia de trinta mil reis que sai	30\$000
Huma Banqueta do Altar do mesmo Senhor na quantia de cem mil reis que sai	100\$000
Huma pedra de Ara na quantia de quatro mil reis que sai	4\$000
Hum Altar do Menino Senhor na quantia de quatrocentos mil reis que sai	400\$000
Huma Imagem de São Francisco	
Hum Resplandor de prata na quantia de quatro mil reis	4\$000
Quatro catiçaes de pau pintado, na quantia de dous mil reis que sai	2\$000
Huma Pedra de Ara na quantia de quatro mil reis que a margem sai	4\$000
	<hr/>
	693\$000
Huma Imagem de Nossa Senhora dos Desamparados com o menino	
Hum par de brincos com dous topazios na quantia de quatro mil reis que a margem sai	4\$000
Hum dito de grezolitito na quantia de seis mil reis que sai	6\$000
Hum anel do mesmo na quantia de quatro mil reis que a margem sai	4\$000
Hum Laço de ouro pequeno com duas pedras encarnadas na quantia de quatro mil reis que a margem sai	4\$000
Quatro catiçaes de páo na quantia de mil reis e sai	1\$000
Huma Imagem do Senhor Crucificado no côro	
Hum Resplandor da mesma Imagem na quantia de seis mil reis que sai	6\$000
Huma casula de seda douro, branca na quantia de cem mil reis que sai	100\$000
Hum véo de ombro branco na mesma seda, na quantia de cincoenta mil reis que sai	50\$000

Huma casula de Damasco branco e cramezim usado na quantia de dez mil reis que sai	10\$000
2 Dealmaticas branco e encarnado de damasco na quantia de vinte mil reis e sai	20\$000
	<hr/>
	893\$000
Huma capa de Asperges damasco branco na quantia de oito mil reis e sai	8\$000
Hum Frontal de damasco com galão de ouro na quantia de oito mil reis e sai	8\$000
Hum dito novo Frontal na quantia de cem mil reis e sai	100\$000
Hum Pavilhão de seda douro na quantia de dez mil reis que a margem sai	10\$000
Huma Ombella de setim encarnado, na quantia de oito mil reis, que sai	8\$000
Hum docel portatico de seda douro branca na quantia de oitenta mil reis que sai	80\$000
Hum panno de Pulpito de damasco branco na quantia de oito mil reis que sai	8\$000
Hum Palio de damasco branco com franja e galão de ouro na quantia de vinte mil reis que sai	20\$000
Hum Toribulo e naveta de prata na quantia de cincoenta mil reis que sai	50\$000
Huma Imagem do Santo Christo da Sacrestia	
Hum Resplendor de prata da mesma quantia de dous mil reis que sai	2\$000
	<hr/>
	1:192\$000
Dous Espelhos de talha com frizos dourados na quantia de oito mil reis que sai	8\$000
Hum vaso de prata na quantia de dose mil reis que sai .	12\$000
Tres moxos na quantia de mil reis e sai	1\$000
Duas caldeirinhas de latão na quantia de quatro mil reis e sai	4\$000
Tres missais usados na quantia de doze mil reis e sai ..	12\$000
Huma Banqueta de seis catiçaes douradas na quantia de se- centa mil reis que sai	60\$000
Quatro catiçaes pequenos, na quantia de seis mil reis que sai	6\$000
Seis ditos catiçaes pintados de azul na quantia de dous mil reis que sai	2\$000
Hum terno de Sacras do Altar na quantia de mil reis e sai	1\$000
Huma pedra de Ara na quantia de quatro mil reis e sai	4\$000
Huma Lampada de Latão na quantia de quatro mil reis que sai	4\$000
Huma campainha na quantia de seis centos reis e sai	\$600
Seis catiçaes de jacarandá na quantia de seis mil reis ..	6\$000
	<hr/>
	1:312\$600
Huma chave do cofre em que se guarda o Santo Lenho na quantia de dous mil reis, e sai	2\$000
Huma cortina de damasco encarnado na quantia de trinta mil reis que sai	30\$000

Tres calices de prata dourada, com seus pertences, na quantia de noventa mil reis e sai	90\$000
Huma Ambola de prata na quantia de dez mil reis e sai ..	10\$000
Huma ditta Ambola de prata dourada, na quantia de oito mil reis	8\$000
Huma Custodia de prata dourada, na quantia de oitenta mil reis	80\$000
Huma chave de prata para o sacrario na quantia de quatro mil reis que sai	4\$000
Huma cruz de prata com Santo Lenho na quantia de vinte mil reis que sai	20\$000
Tres casulas de damasco cor carmizim com seus pertences na quantia de cessenta mil reis que sai	60\$000
Duas ditas Casulas de damasco roxo, na quantia de trinta mil reis que sai	30\$000
	<hr/>
	1:646\$600
Huma capa de Asperges de seda na quantia de seis mil reis que a margem sai	6\$000
Hum panno de Pulpito roxo na quantia de quatro mil reis que sai	4\$000
Duas mangas da Cruz, branca e roxo na quantia de quatro mil reis que sai	4\$000
Duas casulas de seda verde na quantia de oito mil reis que sai	8\$000
Nove Alvas com os seus pertences, na quantia de oitenta mil reis e sai	80\$000
Tres sobpelis na quantia de dez mil reis que sai	10\$000
Uma dita subpelis na quantia de quatro mil reis que sai ..	4\$000
Dezaseis toalhas dos Altares na quantia de trinta e dous mil reis que sai	32\$000
Hum orgam na quantia de cem mil reis que sai	100\$000
Hum sino grande na quantia de cento e cincoenta mil reis que sai	150\$000
Hum dito mais pequeno na quantia de cem mil reis que sai	100\$000
Duas campas da Portaria e do coro na quantia de quatro mil reis que sai	4\$000
	<hr/>
	2:148\$600

ESCRAVOS

João Canabenda, idade de oitenta annos na quantia de cincoenta mil reis e sai	50\$000
João Quissaná, idade de oitenta annos, na quantia de cincoenta mil reis e sai	50\$000
Lauriano Cabra, idade vinte annos, na quantia de trescentos mil reis e sai	300\$000
Fabiano Cabra, idade vinte annos, na quantia de trescentos mil reis e sai	300\$000
Bento Cabra, quarenta annos de idade, na quantia de duzentos mil reis que sai	200\$000
José Mulato, idade cinco annos na quantia de sessenta mil reis e sai	60\$000

Adriano Criolo, idade dez annos, quantia de cem mil reis, que sai	100\$000
Antonio Mulato, idade seis annos, na quantia de sessenta mil reis que sai	60\$000
Manoel Cabra, idade oito annos, na quantia de oitenta mil reis e sai	80\$000
	<hr/>
	3:348\$600
Francisco Criolo, idade seis annos, na quantia de sessenta mil reis e sai	60\$000
Anrique Cabra, idade cinco annos, na quantia de cincoenta mil reis que sai	50\$000
Sebastião Mulato, idade dous annos, na quantia de trinta mil reis que sai	30\$000
Maria, inutil pela sua avançada idade, Marcelina crioula, idade trinta e cinco annos, na quantia de duzentos mil reis e sai	200\$000
Martha Cabra, idade quarenta annos, na quantia de duzentos mil reis, que sai	200\$000
Escholastica crioula, idade trinta annos, na quantia de duzentos mil reis que a margem sai	200\$000
Anna Criola, idade trinta annos, doente, na quantia de cento e cincoenta mil reis e sai	150\$000
Aguida Criola, idade vinte e cinco annos, na quantia de duzentos mil reis, que sai	200\$000
Elena Cabra, idade dezaseis annos, na quantia de duzentos mil reis, que sai	200\$000
	<hr/>
	4:683\$600
Maria crioula, idade doze annos, na quantia de cento e cincoenta mil reis e sai	150\$000
Benedicta crioula, idade treze annos, na quantia de cento e cincoenta mil reis que sai	150\$000
Perpetua crioula, idade dez annos, na quantia de cem mil reis, que sai	100\$000
Floripa Cabra, idade doze annos, na quantia de cento e cincoenta mil reis e sai	150\$000
Angelica Cabra, idade cinco annos, na quantia de quarenta mil reis e sai	40\$000
Paula, mulata, idade de trez annos na quantia de trinta mil reis e sai	30\$000
Gertrudes crioula, idade de tres annos, na quantia de trinta mil reis e sai	30\$000
Jesuina, crioula, idade vinte e cinco annos na quantia de duzentos mil reis e sai	200\$000
Hum batelão bordado em mau uso na quantia de	10\$000
Hum batelão bordado pequeno na quantia de quatro mil reis que sai	4\$000
	<hr/>
	5:502\$600
Huma Igreja com huma torre e frontespicio bem construida, estando a Capella-mór alguma cousa ar- ruinada, tudo na quantia de tres contos e sai ..	3:000\$000

Huma propriedade do convento, de pedra bem construída, e somente com os assoalhos e forros arruinados na quantia de cinco contos de reis, que sai	5:000\$000
Dous grandes ranxos na frente da testada, na quantia de duzentos mil reis, que sai	200\$000
Cem brassas de terras com muros de pedra em toda a frente, e pelos lados athe certa distancia de cem brassas mais ou menos, em cujos circulos se acha fundado o convento, Igreja e ranxos na quantia de hum conto de reis, que sai	1:000\$000
	<hr/>
	14:702\$600

E por esta forma e maneira, ouve elle Juiz este Inventario por concluido, por não haver mais bens para inventariar-se. E mandou fazer este em serramento em que se assigna: — eu Joaquim Clemente Paz Leite, Escrivão que escrevi (1).

João Martins D'Val.

*
* *
*

LISTA DAS CONTAS ORIGINAIS DAS CÂMARAS DA CAPITANIA, DO SEU RENDIMENTO, DESPESA E ACRESCIMOS E DIMINUIÇÃO NO ANO DE 1802.

Nomes das Povoações	Receita	Despeza	Acrescimo	Diminuição
Antonina	86\$855	86\$855	—	—
Apiahy	49\$540	58\$800	—	9\$260
Atibaya	144\$280	126\$005	18\$275	—
Cananéa	143\$984	73\$798	70\$180	—
Castro	221\$043	59\$949	161\$094	—
Curitiba	304\$614	164\$190	140\$424	—
Cidade de São Paulo	2:013\$444	1:688\$422	325\$022	—
Conceição de Itanhaem	67\$060	48\$685	18\$375	—
Cunha	138\$925	237\$098	—	98\$173
Guaratinguetá	483\$766	340\$688	143\$078	—
Guaratuba	22\$206	22\$860	—	\$654
Jacarehy e S. José ..	123\$960	216\$640	—	139\$880
Iguape	351\$164	96\$579	254\$583	—
Itapetininga	42\$890	49\$575	—	6\$685
Itapeva	43\$500	64\$140	—	20\$640
Itú	395\$492	156\$684	238\$808	—
Jundiahy	122\$260	120\$620	1\$640	—
Lages	80\$000	84\$460	—	4\$460
Lorena	524\$927	467\$119	57\$908	—
Mogi das Cruzes ...	169\$580	168\$851	\$729	—

(1). — Maço 3, pasta 6, doc. 47.

Mogi-Mirim	119\$440	111\$354	8\$086	—
Nova Bragança	326\$153	259\$241	68\$912	—
Parnaguá	512\$522	416\$874	85\$648	—
Parnahiba	266\$345	288\$940	—	22\$595
Pindamonhangaba .	143\$780	179\$361	—	33\$581
Porto Feliz	55\$860	51\$790	4\$070	—
Paraitinga	162\$918	64\$975	99\$944	—
Santos	499\$200	296\$735	202\$465	—
S. Carlos	153\$560	75\$625	77\$935	—
S. Sebastião	522\$800	659\$460	—	134\$660
S. Vicente	18\$960	39\$475	9\$485	—
Sorocaba	252\$140	238\$566	13\$574	—
Taubaté	419\$586	379\$053	34\$533	—
Ubatuba	93\$914	72\$390	21\$574	—
	<hr/>	<hr/>		
	9:100\$460	7:459\$857		

*

* *

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS.

Documentos do Arquivo do Estado.

Sesmarias, volumes 1, 2, 3, 4, 5, (1602-1728).

Sesmarias, Patentes, Provisões e Cartas Régias, 1721-1823, vols. n.º 1 a 42.

Maços de Papéis do Tempo Colonial, 1721-1823.

Correspondência dos Capitães-Generais da Capitania de São Paulo, 1721-1822.

Códices diversos, 1721-1822.

Livros Mestres de Batalhões.

Recenseamentos diversos, 1740-1850.

Bens dos Jesuítas, 1817.

Confrarias e bens dos religiosos, 1820.

Maços de Papéis do Tempo do Império, 1822-1888.

FONTES IMPRESSAS.

Livros.

Desmembramento de Comarcas, pelo dr. Djalma Forjaz, 1931.

Memória Histórica de Paranaguá, por A. Vieira dos Santos.

História da Marinha de Guerra, pelo Cap. Lucas A. Boiteaux.

Com. à Hist. do Brasil de Gabriel Soares, por A. Varnhagen.

História do Brasil, por H. Handelmann.

História do Brasil de Roberto Southey.

Documentos Históricos, publicação da Biblioteca Nacional.

Hans Staden — Edição comemorativa do 4.º Centenário do Brasil.

Exploração do Litoral Norte, Comissão Geográfica e Geológica do Estado.

Apontamentos Históricos, por M. E. de Azevedo Marques.
Dicionário Geográfico do Brasil, por A. Moreira Pinto, 1894.
Dicionário Geográfico do Brasil, por J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe,
1845.
São Paulo Antigo, por Antônio Egidio Martins.
Notas para a História Pátria, pelo dr. João Mendes de Almeida.
Capitania de Itanhaém, por Benedito Calixto .
Quadro Histórico da Província de São Paulo, por Machado de Oliveira.
Novo Orbe Seráfico, por frei Antônio Santa Maria Jaboatão.
Documentos Interessantes, publicação do Departamento do Arquivo
do Estado.
Inventários e Testamentos, idem. Anais do Museu Paulista.
Os Municípios Paulista, pelo dr. Eugênio Egas.
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Impressos.

Almanaques da Província de São Paulo, anos diversos.
Relatório da Comissão Central de Estatística, 1887.
Revistas, jornais, leis e decretos.

ANTÔNIO PAULINO DE ALMEIDA
da Sociedade de Estudos Históricos (São Paulo).